

LINGUAGEM INCLUSIVA NA AULA DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: CRIAR MODOS DE EXISTIR JUNTO

BERECIARTUA, Juliana

Universidad de Buenos Aires

Programa Lengua en los barrios del GCBA. Argentina.

julianabereciartua@gmail.com

NASCIMENTO DE SOUZA, Rosanne

Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación

Universidad Nacional de La Plata. Argentina.

rnascimentodesouza@fahce.unlp.edu.ar

PEEZ KLEIN, Daniela

Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación

Universidad Nacional de La Plata. Argentina.

danuschka@gmail.com

Em 1985, Joan W. Scott começava seu ensaio “Gender: a useful category of Historical Analysis” com as seguintes palavras: “Aqueles pessoas que se propõem a codificar os sentidos das palavras lutam por uma causa perdida, porque as palavras, como as idéias e as coisas que elas significam, têm uma história”¹ (p.37).

Neste texto, o autor explorava os significados de “gênero” e promovia a reformulação desta categoria de análise a fim de impulsionar os estudos daquela área em desenvolvimento na época. Hoje em dia, usufruímos dos avanços de teóricxs e travamos batalhas dos corpos no terreno cultural. No entanto, a pergunta que Scott (1985) colocava continua vigorando: “Se as significações de gênero e poder se constroem reciprocamente, como é possível mudar as coisas?” (p.72).

Existem indícios a respeito de como continuar o processo de visibilização e tratamento (dos sistemas) de desigualdade nas nossas sociedades contemporâneas. Se as redes de

¹ “Those who would codify the meaning of words fight a losing battle, for words, like the ideas and things they are meant to signify, have a history“. (a tradução é nossa).

poder² se baseiam na oposição binária e no processo social de relações de gênero, questionar ou subverter/alterar algum de seus aspectos ameaça a totalidade do sistema³. As contribuições dos estudos pós-coloniais e decoloniais denunciaram a estrutura do mundo social simbólico moldado/construído ao/pelo olhar e aos/pelos interesses das culturas europeias dominantes em terra americana. Consequentemente, as culturas subalternas ficaram cativas de uma malha simbólica esmagadora e procrastinadora de qualquer valorização da alteridade (subordinada). Propomos pensar um paralelo no terreno dos gêneros: nossos sistemas simbólicos organizam-se de acordo com a matriz androcêntrica inquestionável⁴. Será que desejamos continuar a nos perceber dessa maneira?

Adolfo Albán Achinte (2013) adverte sobre a necessidade de problematizar os sistemas simbólicos que sustentam e garantem sistemas excludentes:

Lo contemporáneo nos remite a cuestionar la concepción de la historia y los **dispositivos** con los cuales se han construido sus narrativas **excluyentes**, nos remite también a **develar los sistemas de re-presentación** actuando en función de la minorización y la infantilización, o del desconocimiento y el **silenciamiento** (Albán Achinte, 2013, p.445-446) [o grifo é nosso].

A língua funciona como dispositivo dessa visão subordinada das mulheres e/ou quem não seja classificável enquanto homem. Ela reflete o sentir não plural da sociedade que se comunica apagando a subjetividade ou falsificando/adulterando traços positivos de seres outros ao homem⁵.

² “En general, creo que el poder no se construye a partir de ‘voluntades’ (individuales o colectivas), ni tampoco se deriva de intereses. El poder se construye y funciona a partir de poderes, de multitud de cuestiones y de efectos de poder” (Foucault, 1979, p.154).

³ Talvez essa seja umas das razões da polêmica furiosa acerca da presença entre nós da linguagem inclusiva. Hipótese: se a linguagem inclusiva realiza uma fissura no sistema, quem é beneficiado por tal sistema pode ver seus privilégios sob risco de desabamento.

⁴ “La fuerza del orden masculino se descubre en el hecho de que prescinde de cualquier justificación: la visión androcéntrica se impone como neutra y no siente la necesidad de enunciarse en unos discursos capaces de legitimarla. El orden social funciona como una inmensa máquina simbólica que tiende a ratificar la dominación masculina en la que se apoya...” (Bourdieu, 2000, p.11).

⁵ “La economía que pretende incluir lo femenino como el término subordinado de una oposición binaria masculino/femenino excluye lo femenino, produce lo femenino como aquello que debe ser excluido para que pueda operar esa economía.” (Butler, 2002, p.66); “No sorprende, pues, que para Irigaray lo femenino aparezca sólo como catacresis, esto es, en aquellas figuras que funcionan inapropiadamente, como una transferencia inapropiada de sentido...” (p. 69).

Algumas das diversas formas de desigualdade nas línguas em tela

Existem várias áreas no uso da língua em que podemos evidenciar com mais facilidade o tal sexismo na materialidade das palavras:

- as categorias de designação das mulheres em categorias de acordo com o estado civil delas (senhora, senhorita). No caso dos homens só existe “senhor”.
- um mesmo vocábulo apresenta diferentes denotatum em masculino e feminino, isto é, quando aplicado a homens e mulheres. Dessa forma, “puto” (homem *gay*) e “puta” (prostituta) divergem não apenas no sexo do denotatum mas no conceito mesmo. Além disso, só existe “mulher fácil” com um significado conservador e condenador (mulher que tem sexo sem rodeios) sem haver a mesma entrada no dicionário para “homem”, pois inexistente tal olhar a respeito do comportamento sexual masculino.
- o masculino genérico que compreende o total. Aplica-se a grupos compostos por pessoas de diferentes gêneros invisibilizadas pelo uso exclusivo do masculino, mas também para nos referirmos ao “Homem” na história como o conjunto de todos os seres humanos.
- várias profissões só existem em masculino e outras em feminino. Assim, em espanhol existe “sirvienta” mas sem forma no masculino; no português “governante” apresenta a mesma situação. Entretanto, nas últimas décadas vários termos em feminino têm sido incorporados à língua (juíza, advogada).

A sensibilização e conscientização sobre a (histórica) naturalização da desigualdade e crueldade das relações de gênero é a primeira tarefa que devemos abordar para construir uma sociedade mais democrática. Graças a essa nova sensibilização com subordinação (no mínimo) simbólica, despontam críticas e pedidos de mudança em publicidades ou nos dicionários⁶. É possível notar uma fissura naquela concordância da relação com o mundo apontada por Bourdieu (2010: 10) - em referência a Husserl - como “experiência dóxica”, um cissura na correlação entre estruturas objetivas e cognitivas, entre os acontecimentos percebidos e as expectativas⁷.

⁶ Ver: https://www.clarin.com/sociedad/rae-revisa-definiciones-sexistas-avance-igualdad-genero_0_HkP4sG_FG.html; <http://empauta.redealexia.com.br/index.php/2017/08/14/reino-unido-irabanir-publicidade-com-estereotipos-de-genero/>

⁷ Nas palavras de P. Bourdieu: “La concordancia entre las estructuras objetivas y las estructuras cognitivas, entre la conformación del ser y las formas del conocer, entre el curso del mundo y las expectativas que provoca, permite la relación con el mundo que Husserl describía con el nombre de «actitud natural» o de «experiencia dóxica», pero olvidando las condiciones sociales de posibilidad” (Bourdieu, 2000, p.10).

A segunda tarefa é criar formas alternativas mais inclusivas. Albán Achinte (2013: 449) propõe a re-existência, a ação das comunidades para criar e desenvolver, para inventar a cada dia a vida e o poder e, portanto, confrontar criativamente a realidade do projeto hegemônico. Embora ele desenvolva esse conceito para as culturas submetidas pelo colonialismo e, em particular, para os grupos afrodescendentes, as práticas de re-existência resultam ferramentas certamente vitais para pensar estratégias positivamente potentes que visam a descentrar as lógicas desiguais.

Para quem nega a desigualdade e as relações de gênero, não temos palavras. Convidamos essas pessoas a mergulharem nas estatísticas oficiais e nas leituras do campo dos estudos de gênero. Para quem considera que as mudanças (morfológicas, sintáticas e lexicais) na(s) linguagem(ns) a partir do impacto de tendências igualitárias/não sexistas devem ocorrer após mudarem as relações materiais - como se a linguagem não envolvesse aspectos materiais - trazemos a reflexão/cogitação/análise de Jean Louis Calvet. O linguista francês fazia parte dos debates a respeito das relações de poder entre línguas coloniais e colonizadas como fase necessária ao processo de libertação das revoluções e independências no último período do século XX:

cualquier liberación nominal que no esté acompañada por una conmoción de la superestructura lingüística no es una liberación del pueblo, que habla la lengua dominada, sino una liberación de la clase social que hablaba la lengua de dominio y sigue haciéndolo” (Calvet, 2005, p.162).

As mudanças linguísticas promovem uma discussão nomeadamente mais radical que raramente é abordada pela mídia. Mais uma vez as palavras de Calvet: “Y el problema de las lenguas involucra e involucra directamente el tipo de sociedad por la que combatían los pueblos colonizados” (p.168). As relações linguísticas são, elas também, relações de poder. A batalha cultural está em andamento em várias esferas (da vida social). Nosso foco estará no alcance da linguagem inclusiva. Entretanto, essa linguagem faz parte de um processo largamente estendido acerca das injustas relações de gênero uma vez que uma denominação é simultaneamente um modo de fixar uma fronteira e de impor uma norma (Butler 2002: 26).

Nessa orientação por uma sociedade mais democrática/igualitária, a lei de Educação Sexual Integral promulgada em 2006 (lei 26150, doravante ESI) apresenta entre seus objetivos promover a igualdade de gênero: “Procurar igualdad de trato y oportunidades

para varones y mujeres” (artigo 30. c.). As questões de gênero permeiam a todo momento a sala de aula. O depoimento da filósofa e psicanalista Viviana Mosé⁸ ilustra essa realidade cotidiana: “Não precisa ter esse nome [questões de gênero]. Quando a gente está em sala de aula as questões de gênero aparecem o tempo todo”. O espaço da Educação pode resultar inclusive privilegiado para tratar e refletir a respeito de tais dinâmicas (relacionais). A educação como simples transmissão de conhecimentos sem revisão das bases epistemológicas se choca com a convicção de sermos sujeitos políticos, isto é, mudarmos/agirmos as/nas condições de vida (que levamos), de re-existir, de criar nosso mundo a cada dia. A educação como ação ética precisa envolver a crítica das próprias bases, incluir uma atenção sensivelmente epistêmica sobre nossa própria (re)construção social.

É possível pensar que as narrativas e perspectivas construídas na sala de aula constituam matéria-prima fundamental para a formação das identidades sociais dos estudantes. O conceito de interculturalidade crítica surgido em oposição ao conceito de interculturalidade funcional, proposto por Catherine Walsh (2009), também servirá de embasamento para a sequência didática que mais adiante apresentaremos:

la interculturalidad crítica, en cambio, es una construcción de y desde la gente que ha sufrido un histórico sometimiento y subalternización [...] debe ser entendida como una herramienta pedagógica, la que pone en **cuestionamiento continuo** la racialización, subalternización e inferiorización y sus patrones de poder, visibiliza maneras distintas de ser, vivir y saber, y busca el desarrollo y creación de comprensiones y condiciones que no sólo articulan y hacen dialogar las diferencias en un marco de legitimidad, dignidad, igualdad, equidad y respeto, sino que también -y a la vez alientan la **creación de otros modos de pensar, ser, estar, aprender, enseñar, soñar y vivir que cruzan fronteras** (p.15) [o grifo é nosso].

No que tange à possibilidade de criar outros modos, para cada “juridicción” a lei ESI estabelece no seu artigo 8 a faculdade de criar e desenvolver os materiais de acordo com as necessidades de cada setor etário, além do preparo/capacitação dos professores⁹. O

⁸ En: <<https://www.youtube.com/watch?v=HRCfJ3EQQCw>> [Último acceso: 03/08/2018].

⁹ Lei 26150 artigo 8 b) e 8 f):

trabalho com a língua para tratar questões de gênero pode abrir uma zona de intercâmbio, reflexão (ou inclusive desabafo) e novas práticas para a comunidade educativa. O trabalho que mexe com a ordem simbólica atinge áreas diversas e profundas dos sujeitos, pois ele dá luz as inter-relações entre linguagem, sujeitos e práticas: “...un sistema simbólico (social) corresponde a una estructuración específica del sujeto hablante en el orden simbólico” (Kristeva, 1988, p.91). A ordem simbólica funda a organização dos grupos sociais, os valores e sensibilidades associados poderão experimentar o abalo dessas mudanças fortes contemporâneas. Nesse terreno, jovens e adultos precisam aprender, desaprender e criar novas práticas em harmonia com os interesses e bem-estar de todxs.

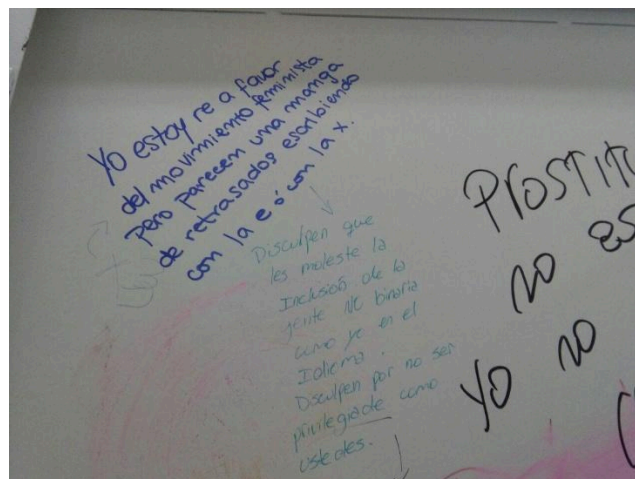
Alcance e valor da LI constatados a partir de pesquisas online.

Resultados e leitura das enquetes

Uma enquete online¹⁰ foi disponibilizada para estudiantxs adolescentes de ensino médio com o objetivo de indagar sobre o uso que elxs fazem da Linguagem Inclusiva. A análise da enquete pode ser encontrada no seguinte link: https://drive.google.com/file/d/1v-ToXvPU_a81ygAkFX8Y_R04-gzm3PsO/view?usp=sharing

Acreditamos que, com esta pesquisa, pudemos confirmar a pertinência de nossa proposta para o trabalho de futurxs professorxs com adolescentes estudantxs do ensino médio.

Reações espontâneas



b) El diseño de las propuestas de enseñanza, con secuencias y pautas de abordaje pedagógico, en función de la diversidad sociocultural local y de las necesidades de los grupos etarios;

f) La inclusión de los contenidos y didáctica de la educación sexual integral en los programas de formación de educadores.

¹⁰ Google Forms: <https://www.google.com/forms/about/>

Fig. 1 Foto tirada num banheiro na FAHCE - UNLP

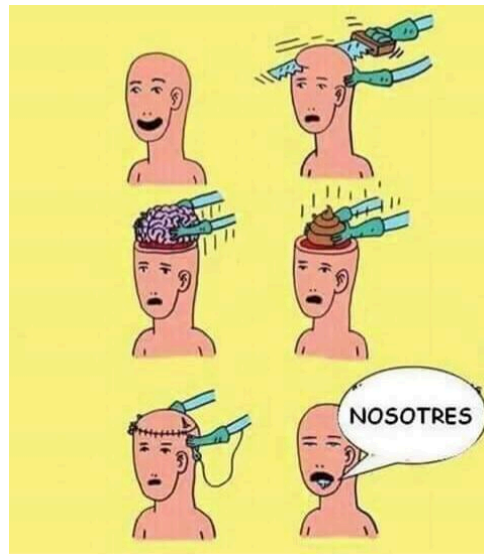


Fig. 2 Meme das redes sociais



Fig. 3 Menina explicando o uso da linguagem inclusiva. Fonte:

<https://www.mundotkm.com/genero/2018/06/01/todos-todas-y-todes-la-chica-que-le-hizo-frente-a-su-maestra-para-utilizar-lenguaje-de-genero/amp/>

Apuração de argumentos contrários à LI em artigos e reportagens na internet

Fizemos um levantamento entre junho e agosto de 2018 e subimos todas as fontes consultadas no site **LINGUAGEM INCLUSIVA / LENGUAJE INCLUSIVO**:
<https://sites.google.com/view/lenguaje-linguagem-inclusivo-a/página-principal>

Com base nas inúmeras reações à LI na internet, elencamos alguns dos argumentos contrários ao seu uso. A seguir, analisaremos sucintamente as razões pelas quais não seria bom - **segundo aquelas opiniões** - a LI crescer no número de usuários.

- *As palavras não oprimem ou discriminam* uma vez que as palavras são arbitrarias. Esse tipo de asseveração envolve uma certa concepção de língua inofensiva, só instrumento de comunicação sem impacto nos usuários nem dos usuários. Desvincula-se a materialidade

da linguagem das situações concretas e relações sociais onde ela circula/constrói. A língua como uma ferramenta vazia de significações escamoteia a semântica. Teoria do martelo: os elementos “neutros” sem estarem inseridos/insertos numa trama de significado social.

• *O “x” não funciona [...] nossa gramática interna já definiu que a desinência de gênero masculino é usada para o plural* postula um sujeito biológico imodificável bem como uma imanência da gramática. Sob a ótica dos trabalhos já referidos, inexistente uma natureza humana, acreditamos num sujeito político capaz de modificar e agir na realidade em que vive. A denúncia da linguagem neutra diz a respeito do masculino como invisibilizador das mulheres e o feminino na materialidade na língua. Se a língua inclui com o masculino majestático o valor do feminino, só o faz através da camuflagem. O mimetismo linguístico resulta no apagamento lexical e simbólico das nossas particularidades, como indica J. Lacan¹¹.

• *O x complica, atrapalha a compreensão/comunicação*: esse tipo de atitude subestima os falantes e o dinamismo da língua.

• *Estão incluindo pessoas às custas da exclusão de outras*”, pois “a LI exclui os deficientes. Os instrumentos de articulação comunicativa dessa população permitem incorporar mudanças nas línguas; várias tecnologias¹² são prova desse alargamento comunicacional de não-videntes.

• *A LI não inclui, ações inclusivas incluem. Isso sim muda o mundo*. Sentimos uma profunda divergência, a língua é uma prática simbólica, através dela agimos no mundo¹³.

A Favor

• Vários usos da língua sexistas e especificamente a categoria de gênero com o masculino não marcado -isto é a ideia do masculino como universal- reforçam a cosmovisão

¹¹ “El mimetismo revela algo en la medida en que es distinto de lo que podría ser llamado un sí mismo que está detrás. El efecto del mimetismo es el camuflaje. [...] No es cuestión de armonizar con el fondo, sino de volverse moteado sobre un fondo moteado -exactamente como la técnica del camuflaje practicada en la guerra humana” (Lacan apud Bhabha, 1994, p.111). O mimetismo traz à tona o problema da autoridade. Quem acaba sendo colocado como modelo da representação? Quem decide? Em relação à não necessidade das mudanças na língua, o conservadorismo como resposta significa a procrastinação repetida das particularidades das mulheres.

¹² Apenas alguns exemplos, a saber: <https://www.bbvaopenmind.com/tecnologia-para-invidentes-mas-alla-del-braille/>, <https://omicron.elespanol.com/2016/05/tecnologias-para-ciegos/>, <https://www.lavanguardia.com/tecnologia/20170812/43481025596/ciegos-once-braille-quimico-accesibilidad-eyesynth.html>

¹³ A língua vive nos corpos. “El acto de habla, no obstante, es realizado corporalmente, y aunque no se instala en la presencia inmediata del cuerpo, la simultaneidad de la producción y de la exteriorización de la expresión comunica no sólo lo que se dice sino que muestra el cuerpo como el instrumento retórico de la expresión” (Butler, 1986, p.68).

androcêntrica e as relações assimétricas. Inclusive existem pessoas que nem sequer se sentem representadas na classificação binária de gênero. Portanto, a linguagem inclusiva é um modo de corrigir as implicações sexistas (do português e do espanhol) e uma maneira de romper com essa cosmovisão androcêntrica que impera nas sociedades.

- Há uma naturalização dos usos sexistas da língua, a desigualdade e invisibilidade só será percebida quando se tentar (tentarmos) modificá-la.
- A linguagem inclusiva é mais democrática e iguala todas as pessoas sem afetar o princípio fundamental da inteligibilidade das línguas.
- Os movimentos feminista que usam e promovem a LI compreendem que esta mudança não fará com que se solucionem todos os problemas de desigualdade de gênero existentes. O movimento feminista conseguiu que a discussão sobre a LI chegue na mídia, que as instituições oficiais incluam formas mais plurais na língua, etc. É fundamental dar luz às problemáticas para transformá-las.
- Nem sempre as mudanças linguísticas são processos lentos e inconscientes, também existem mudanças deliberadas como, por exemplo, a incorporação à língua de anglicismos ou neologismos, entre outras alterações e incorporações.

Sequência didática sugerida para futuros professores colocarem em prática com estudantes

Destinatários: Estudantes de Professorados de PLE.

Elaboração: Professoras Juliana Bereciartua, Daniela Peez Klein e Rosanne Nascimento de Souza

Eixo temático: Linguagem inclusiva na aula de PLE

Objetivos:

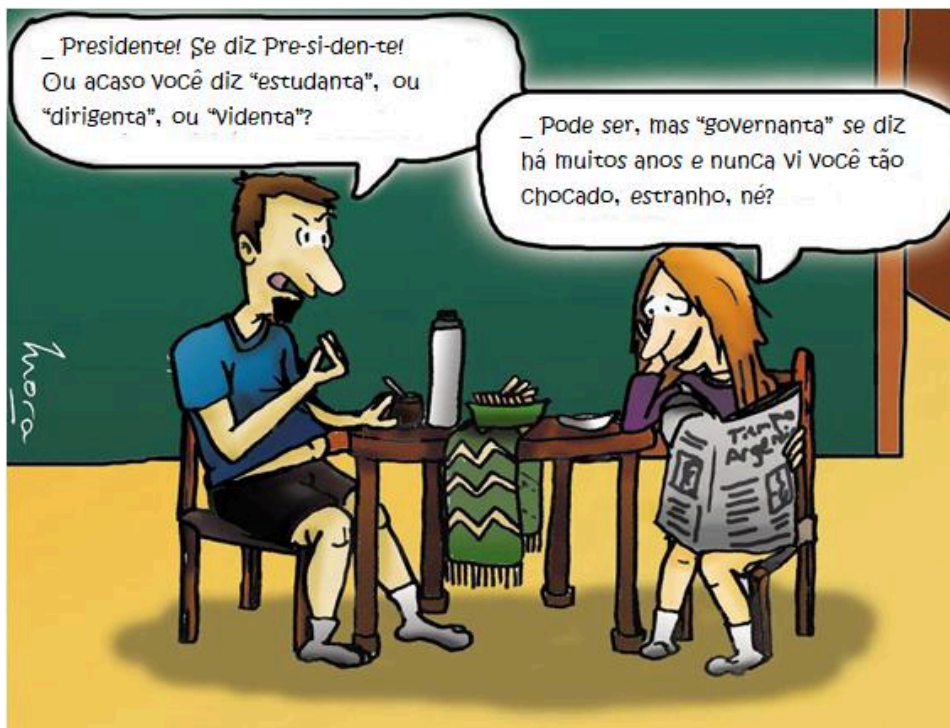
- Problematicar e quebrar estereótipos e a visão androcêntrica hegemônica.
- Pluralizar concepções de identidades de gênero.
- Sensibilizar les alunes **para que percebam como** as relações genéricas desiguais impactam a língua.
- Refletir e criar novos modos de se exprimir e se referir/ dirigir a outres em português brasileiro.

Roteiro de Trabalho

- Atividades de aquecimento / Bate-papo inicial
- Desenvolvimento / Habilidade Escrita / Competência sociolinguística e sociocultural.

- Tarefas/ Projeto

❖ **Pra puxar conversa: Você sabe o que é a Linguagem Inclusiva ou Neutra?**



❖ **Observem as seguintes charges e respondam oralmente:**



- a- Qual/quais a/as problemática/s que aparece/m na charge?
- b- Por que vocês acham que é aceito falar *governanta* e não *presidenta* ou *estudenta*?
- c- Por que vocês acham que perante a mesma imagem (pessoas com as mesmas características físicas de velhice) ou ação (trabalhar e cuidar do filho ou limpar) essas pessoas são chamadas com palavras diferentes?
- d- Quais exemplos de desigualdade de gênero vocês poderiam dar?



Para entendermos o que se quer com a Linguagem inclusiva ou neutra, um dos principais conceitos que temos que definir é o **gênero** ou **identidade de gênero**.

O que sabemos do gênero das pessoas? É natural, é escolhido, é imposto, pode mudar durante a vida, quantos gêneros existem? Só tem dois?

Quanto à relação entre gênero e gênero designado	
Identidade de gênero / gênero: <i>É a experiência subjetiva de uma pessoa a respeito de si mesma e das relações dessa pessoa com os outros gêneros. É como alguém sente sua própria essência do “ser”. Não depende dos genitais e também não se limita a mulher e homem, pois há inúmeros gêneros não-binários. Cada pessoa sente seu gênero de sua própria maneira.</i>	
Gênero designado / gênero imposto: <i>Gênero que foi forçado à pessoa desde seu nascimento. Tal gênero é imposto pela Medicina e pela família, baseando-se somente nos genitais externos (se tiver vagina, designam como menina, se tiver pênis, como menino, se nascer intersexo, designam e mutilam os genitais para “condizer” com o gênero imposto).</i>	
Cis / Cisgênero / Cissexual	Trans / Transgênero / Transsexual
<i>Cis vem do latim e significa “do mesmo lado”. Logo cisgênero significa pessoa cujo gênero EQUIVALE ao gênero designado / imposto</i>	<i>Trans vem do latim e significa “do outro lado”. Logo transgênero significa pessoa cujo gênero DIFERE do gênero designado / imposto.</i>

Não binário de gênero se refere a todos os atributos que não se categorizam dentro do binário de gênero, isto é, tudo que não é exclusivamente relacionado ao feminino nem ao masculino. O termo “não-binário” foi originalmente criado com o objetivo de ser essencialmente descritivo e não político (ao contrário de genderqueer, que é um termo essencialmente político).

Os gêneros não binários são infinitos. Por exemplo, um gênero não-binário é o agênero, que se caracteriza basicamente pela ausência de gênero. Também há o bigênero, que se

caracteriza pela vivência de dois gêneros simultaneamente (por exemplo: mulher e homem ao mesmo tempo). As pessoas não-binárias são sempre trans, porque os gêneros designados são somente o feminino e o masculino (com raras exceções fora do Brasil). Os gêneros não-binários não são legitimados pela sociedade nem pelas instituições e, portanto, estão sempre sujeitos a discriminação.

Fonte: http://pt-br.identidades.wikia.com/wiki/Wiki_Identidades



Você sabia tudo isso? Não se pode ser a favor ou contra do que se desconhece, né?

A ideologia de gênero, chamada sexismo, está por toda parte: na mídia, na publicidade, na vestimenta, nos brinquedos, nas profissões, nos ofícios, no planejamento familiar, nas leis trabalhistas, na música, etc.

❖ **Em duplas, pensem exemplos que representem essa ideologia de gênero sexista em diferentes atividades e depois comentamos.**

Onde?	Exemplos
<i>Escola</i>	<i>Os meninos jogam futebol e as meninas não jogam, fazem ginástica artística.</i>

Com efeito, a ideologia de gênero aparece marcadamente na língua, entretanto, essa não é uma atividade a mais, a língua é a ferramenta fundamental para se comunicar e pensar o mundo, estrutura a cosmovisão de seus falantes.

❖ **Vamos ler um texto que desenvolve a ideia do que é a linguagem neutra ou não binária.**

Qual é a possibilidade de um pronome neutro para pessoas trans na língua portuguesa?

Débora Lopes - 30 de junho de 2016

Suécia e EUA já foram além dos pronomes 'ele' e 'ela'. E aqui no Brasil?

Achar que você sabe a identidade de gênero só de olhar para alguém não é mais uma realidade. Linguistas e acadêmicos pelo mundo já estão movendo as letras de lugar para que o uso dos pronomes seja algo confortável na vida de pessoas transgênero (que não se identificam com o sexo biológico) e não-binárias (que não se identificam como homens nem mulheres). Atualmente, "ele" e "ela" não suprem as necessidades de todos – se é que em algum momento o fez.

Recentemente, o grupo teatral AfroReggae lançou o projeto Dicionário de Gêneros. Para o levantamento da plataforma, foram identificados mais de 60 gêneros entre brasileiros e

brasileiras (não fosse coincidentemente tão genérico defini-los assim, no feminino e masculino).

Em abril deste ano, a Suécia deu um passo à frente na questão linguística e oficializou um novo pronome para falar de alguém sem revelar sua identidade de gênero. "Han" (ele) e "hon" (ela) continuam no dicionário sueco, agora acompanhados por "hen". O novo pronome funciona também para se referir a alguém de identidade de gênero desconhecida – ou até mesmo quando a informação é "irrelevante" para o contexto.

A escola de artes e ciências da universidade de Harvard, nos EUA, permite que os alunos insiram em seus registros acadêmicos se se identificam como homens, mulheres ou transgêneros, especificando por qual pronome preferem ser chamados. Por lá, os pronomes "they" (em português, "eles") e "ze" (sem tradução) já têm sido usados como uma opção neutra. Tanto que a American Dialect Society, entidade que estuda e analisa a língua inglesa nos EUA, definiu "they", no singular, como a palavra do ano de 2015.

No Brasil, a questão ainda caminha a passos curtos. Para Clarice Pinheiro, docente do Departamento de Estudos de Gênero e Feminismo da UFBA (Universidade Federal da Bahia), a discussão já existe. "Mas nada que signifique um debate concreto porque a nossa sociedade é extremamente machista", pontua. Ela cita como exemplo a portaria baixada por Dilma Rousseff quando se tornou presidente pela primeira vez, em 2011, para que fosse chamada de "presidenta". "A grande mídia correu alvoroçada para achar os mais variados linguistas em todos os confins do Brasil para dizer que aquela mudança era um absurdo, feria a norma", relembra a docente.

Para a brasileira Carmen Rosa Caldas-Coulthard, pós-doutora em língua inglesa pela University of Strathclyde, Escócia, e editora do periódico internacional *Gender and Language* (Gênero e Linguagem), o assunto entrou na arena do debate há alguns anos. "As feministas linguistas anglo-saxãs começaram a questionar já na década de 70 a questão de como a linguagem não só reflete mas também constitui as relações sociais", afirma a especialista. "A linguagem não é apenas um luxo intelectual, mas uma parte essencial na luta pela libertação das mulheres e das minorias."

De acordo com Caldas-Coulthard, as línguas latinas, por terem a característica gramatical que classifica coisas e pessoas em categorias masculinas e femininas, são especialmente problemáticas. "O uso genérico sempre foi feito tendo como base o masculino." Por isso nos referimos a um grupo de homens e mulheres como "eles".

Há diferentes sistemas de linguagem que se propõem a diminuir as diferenças entre gêneros na língua. Alguns deles optam por sugerir a criação de palavras novas, enquanto outros

recorrem a recursos da língua, como voz passiva e termos neutros, para substituir as palavras com gênero. Os mais conhecidos, no entanto, substituem os morfemas “o” e “a” que marcam gênero masculino e feminino por “x” ou por “e”. Geralmente, isso só se aplica na linguagem escrita e quando as palavras se referem a pessoas - “a cadeira” não muda para “x cadeirx”, por exemplo.

"As propostas acima podem ser usadas para pessoas trans, mas esta questão ainda está muito incipiente", revela a profissional. A docente Clarice Pinheiro também faz uma observação pontual: "São construções que não são oralizadas e tampouco são aceitas na academia, ou mesmo mantidas de ponto a ponto em um texto".

Para algumas pessoas, nomenclaturas, definições e pronomes podem soar desnecessários, mas, para entender o cerne da questão, é preciso ir a fundo na realidade da comunidade T (travestis, transexuais e transgêneros), que convive diariamente com tais dificuldades.

No Brasil, em 2014 surgiu a Wiki Identidades, plataforma colaborativa em português que reúne um vasto acervo sobre identidade de gênero.

Para a docente Clarice, essas criações e adaptações linguísticas são necessárias para tornar visível quem sempre se sentiu invisível perante a sociedade. "Será uma excelente contribuição para a nossa língua e para a nossa cultura porque dá lugar de existência e reconhecimento para todas e todos, inclusive para aquelas e aqueles que não querem estar entre aquelas e aqueles", pondera.

Fonte: https://www.vice.com/pt_br/article/mbkgzp/o-enem-mudou-a-vida-de-muita-gente-para-melhor

❖ Como podemos modificar os sexismos na língua portuguesa? Aqui temos várias ideias:

Genéricos reais são:

Em lugar de:	Utilizar:
Os meninos	As crianças / A infância
Os homens	A população / O povo
Os cidadãos	A cidadania
Os filhos	A descendência / A prole
Os trabalhadores	O pessoal
Os professores	O professorado / O corpo docente
Os eleitores	O eleitorado
Os jovens	A juventude
Os homens	A humanidade

Redação excludente	Redação inclusiva
Os indígenas terão crédito	A população indígena terá crédito
Os jovens que desejem estudar	A juventude que deseje estudar
Os votantes do Distrito Federal tendem a	O eleitorado do Distrito Federal tende a
Os cidadãos se manifestaram	A cidadania se manifestou
Os gaúchos não querem que	A sociedade gaúcha não quer que
Os interessados em participar	As pessoas interessadas em participar
Os maiores de idade receberão uma	As pessoas maiores receberão uma
Os meninos terão atenção médica	As crianças terão atenção médica, ou As meninas e os meninos terão atenção médica

Fonte:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3034366/mod_resource/content/1/Manual%20para%20uso%20n%C3%A3o%20sexista%20da%20linguagem.pdf

❖ **A respeito do masculino genérico / não marcado, aqui temos uma proposta sobre a Linguagem Neutra. Vamos ver?**



Linguagem neutra em português:

<https://www.youtube.com/watch?v=hqpEMjXDpco>

❖ **Responda às perguntas abaixo.**

- Qual é a proposta para substituir os pronomes ELE e ELA?
- E pra marcar possessão, como podemos substituir os pronomes possessivos?
- Qual a regra mais fácil de neutralização dos adjetivos e/ou substantivos referidos a pessoas acabados em O para masculino e A para feminino?
- Tem palavras que são diferentes, o masculino e feminino não acabam com O/A, quais são as palavras e o que elo propõe?
- Então, como poderíamos falar juiz/juíza ou catalão/catalã em linguagem neutra?

❖ **Para encerrar a aula, vamos tentar redigir uma história não só com linguagem inclusiva ou neutra, mas também escrever uma história que não seja sexista nem reforce os estereótipos de gênero, aliás, que os subverta.**

O “Manual para o uso não sexista da linguagem”, documento institucional do governo do Rio Grande do Sul manifesta: “A língua não só reflete, mas também transmite e reforça os estereótipos e papéis considerados adequados para mulheres e homens em uma sociedade.

- Para escrever esta história, escolha duas personagens e um tipo de relacionamento.

PERSONAGEM 1	RELACIONAMENTO	PERSONAGEM 2
<ul style="list-style-type: none"> • O babá de três meninos • A gerente da empresa • O dançarino de pole-dance • O aeromoço • A geóloga da Petrobrás • A carpinteira de tetos • O governante do hotel • O manicure • O balconista de loja de roupa para bebês. • A pedreira de um prédio de 44 andares. • A baterista de uma banda de dead-metal. • A cirurgiã de coração. • A açougueira. • O tecedor (duas agulhas) • A mecânica de carros e motos 	<ul style="list-style-type: none"> • Amigues • Namorades • Amantes • Alune / professor • Chefe / funcionárie • Hóspede / funcionárie • Mae / filhe • Pai / filhe • Freguês / done de loja • Tie / sobrinhe • Artiste / fã • Colegues de trabalho. • Colegues de estudo. 	<ul style="list-style-type: none"> • A menina transgênero • O secretário da empresa • A pilota de avião • O dono de casa • A governadora • A gerente do hotel • O professor de língua • A engenheira de um prédio de 44 andares • A motoqueira • O caixa de açougue. • O faxineiro • A motorista de ônibus • O menino que ama fazer bolos e pintar flores. • O estilista heterossexual • O massagista e terapeuta de reiki.

Tarefa:

- Pesquisar sobre a Linguagem inclusiva em outras línguas, inclusive em português brasileiro.
- Identificar em textos da escola e publicidades sinais de linguagem não inclusiva.

Referências

- Albán Achinte, A. (2013) “Pedagogías de la re-existencia, artistas indígenas y afrocolombianos” en Catherine Walsh, C. *Pedagogías decoloniales: Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*, , pp.443-468, Tomo 1, Quito: Abya Yala.
- Bereciartua, J., Nascimento de Souza, R., Peez Klein, D. (2018). Linguagem Inclusiva Linguaje Inclusivo. Fontes consultadas. Recuperado de <https://sites.google.com/view/linguaje-linguagem-inclusivo-a/página-principal>
- Bhabha, H. (1994) “El mimetismo y el Hombre”, en *El lugar de la cultura*. Buenos Aires: Manantial.
- Bourdieu, P. (2000) *La dominación masculina*, Barcelona: Anagrama.
- Butler, J. (2002) *Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del sexo*, Buenos Aires, Paidós, [1993].
- Calvet, J.L. (2005) *Lingüística y Colonialismo: breve tratado de glotofagia*. Fondo de Cultura Económica.
- Foucault, M. (1979). *Microfísica del Poder*. Madrid, España: Edissa.
- Lei N° 26150. Ley Nacional de Educación Sexual Integral - ESI . Ministerio de Educación de la Nación, Buenos Aires, Argentina, 23 de octubre de 2006. Recuperado de http://www.me.gov.ar/doc_pdf/ley26150.pdf (Último acceso: 12/8/2018)
- Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (2006). Identidade de gênero e orientação sexual. Recuperado de <http://www.ppgneim.ffch.ufba.br>
- Scott, J.W. (1985) “El género: una categoría útil para el análisis histórico” Scott, J. W. en Org/Comp, Navarro, M., Stimpson, Navarro, Catharine R. Stimpson (comp.) *Sexualidad, género y roles sexuales*, C.R. Fondo de Cultura Económica Marysa.
- Wittig, Monique. (1993) “One is not born a woman” (pp. 103-109). In Henry Abelove, Michèle Aina Barale & David M. Halperin (eds.), *The lesbian and gay studies reader*, New York: Routledge.
- Zopolato Raoni (2015) Saiba as diferenças entre identidade de gênero e orientação sexual. Nogueirense. 06 de junio de 2015. Recuperado de <https://nogueirense.com.br/identidade-de-genero-x-orientacao-sexual-2>